

DISCURSO DE S. EXA. O SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE
VI REUNIÃO DOS MINISTROS DA SAÚDE DA CPLP
25 DE MARÇO DE 2022

Especificidades e contextos particulares de cada Estado Membro no quadro do desenvolvimento de políticas nacionais de saúde pública na gestão da resposta ao COVID19

Exmo. Senhor Secretário Executivo da CPLP, Dr. Zacarias da Costa,

Exmo. Senhor Diretor de Cooperação da CPLP, Dr. Manuel Lapão,

Exma. Senhora Ministra da Saúde da República de Angola, Dra. Silvia Lutucuta,

Exmo. Senhor Ministro da Saúde da República de Cabo Verde, Dr. Arlindo do Rosário,

Exmo. Senhor Ministro da Saúde da República Federativa do Brasil, Dr. Marcelo Queiroga,

Exmo. Senhor Ministro da Saúde da República da Guiné-Bissau, Dr. Dionísio Cumbá,

Exmo. Senhor Ministro da Saúde da República da Guiné Equatorial, Diosdado Nsué Milang,

Exmo. Senhor Ministro da Saúde da República de Moçambique, Dr. Armindo Tiago,

Exma. Senhora Ministra da Saúde da República Democrática de São Tomé e Príncipe, Dra. Filomena D'Alva,

Exma. Senhora Ministra da Saúde da República Democrática de Timor-Leste, Dra. Odete Belo,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É com enorme honra que me encontro aqui hoje, em representação de S. Exa. a Ministra da Saúde, para participar na VI Reunião de Ministros da Saúde da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, nesta magnífica cidade de Luanda, cuja fama de boa acolhedora pude já testemunhar nesta que é a minha primeira vez neste país e onde me sinto naturalmente em casa, nesta vasta casa que é a nossa língua. Não será, pois, por certo, a última.

Sáímos daqui todos mais ricos, de coração cheio. A nossa visita ontem, guiados pela senhora ministra da Saúde de Angola ao Hospital Cardeal Dom Alexandre dos Nascimento e ao Instituto de Hematologia Pediátrico dão-nos mais força e ânimo para continuar este caminho que nos une a todos: Melhorar a Saúde das Nossas Populações e fazer do espaço da lusofonia um lugar mais saudável.

Senhora ministra Sílvia Lutucuta, o seu entusiasmo é um bálsamo. Obrigado por esta visita, pelo seu trabalho e por nunca deixar de ser, tal como muitos de nós, profissional de saúde.

Dizia eu que é muito bom que possamos fazer este encontro de novo de forma presencial. Em 2019 quando nos juntámos fisicamente pela última vez, em Lisboa, estávamos todos longe, muito longe de imaginar que só nos iríamos voltar a ver -olhos nos olhos- três anos depois. E mais longe estávamos ainda de

imaginar que à lista de desafios que tínhamos pela frente, iríamos juntar um outro: O da resposta à pandemia por Covid-19, que nos afetou a todos, que testou a resiliência dos nossos Estados e que nos obrigou a responder sempre, mesmo quando também tínhamos dúvidas e quando as forças e o ânimo esmoreciam.

Mas estamos aqui. E estamos mais fortes, estamos enérgicos e estamos unidos. É certo que não enfrentámos exatamente os mesmos problemas ao mesmo tempo, com a mesma intensidade e em igualdade de circunstâncias, mas uma coisa temos em comum: O esforço de cada um dos nossos Estados na adoção de políticas públicas com vista à estruturação de respostas integradas de combate à COVID-19 nas suas múltiplas dimensões, com um trabalho particularmente relevante das Redes em Saúde da CPLP:

1. Através da partilha de informação,
2. Da troca de experiências
3. E da identificação, através do estudo e da investigação, das melhores práticas, refletidas em propostas de políticas públicas.

Temos outros temas igualmente graves a afetar o Mundo neste momento.

Mas as pandemias não se acabam com guerras nem por decretos nem nacionais nem transnacionais e continuamos a ter de lidar com a COVID-19 como uma emergência de saúde pública internacional, que continuará a exigir uma resposta coordenada a nível global.

O Governo da República Portuguesa sempre reconheceu e reconhece a lusofonia como um espaço identitário, educativo e económico. Um espaço de verdadeira valorização linguística, de valorização da Comunidade dos Países de Língua

Portuguesa e da cooperação diplomática, **com vista ao desenvolvimento humano, político, económico, científico, cultural e social.**

E é através desse capital de confiança, reforçado em tempos de pandemia, que estamos aqui hoje, a dar continuidade a esta partilha, a estas sinergias para o desenvolvimento social e económico, de cooperação institucional, em setores decisivos com destaque particular para a saúde pública,.

E por isso, permitam-me, que faça um relato do que **tem sido esta viagem que os novos marinheiros portugueses fizeram neste mar de tormentas onde todos nos vimos obrigados a navegar.**

A Saúde Pública, que saiu do anonimato onde estava confinada para os grandes palcos mediáticos, tem vindo a ser valorizada enquanto área de intervenção. Costumo dizer que nem os profissionais de saúde sabiam bem o que faziam os médicos de saúde pública e eu não era exceção, atualmente não há quem desconheça a importância destes profissionais de saúde.

O Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica que Portugal dispõe **é a pedra basilar e o ponto de partida** para a deteção precoce, controlo, resposta e recuperação de certas ameaças. Necessitamos de continuar a promover um sistema de vigilância robusto de forma a identificar problemas e a cooperar na definição de estratégias e políticas públicas.

Dentro do quadro lusófono, esta partilha de boas práticas e a cooperação estreita e facilitada mostra-se importante no controlo de ameaças, epidemias e desastres, revelando-se a iniciativa apresentada por Portugal de fortalecimento de capacidades em vigilância e resposta a emergências em saúde pública

(EMARESP) um instrumento fundamental na identificação e capacitação de recursos humanos especializados na gestão de crises de saúde pública.

Mas, minhas senhoras e meus senhores,

Os bons resultados que obtivemos num combate à pandemia só foi possível graças a alavancagem da vacinação.

A Campanha de Vacinação contra a COVID-19, em Portugal, teve início a 27 de dezembro de 2020, com os seguintes objetivos de Saúde Pública:

- o salvar vidas, através da redução da mortalidade e dos internamentos por COVID-19, e da redução dos surtos, sobretudo nos mais vulneráveis,
- o preservar a resiliência do sistema de saúde, do sistema de resposta à pandemia e do Estado;
- o e mitigar o impacto económico e social da pandemia.

O sucesso deste plano está refletido no ponto de situação atual: **Portugal orgulha-se de ter alcançado uma cobertura vacinal de 91% da população residente no nosso país.** Neste esforço nacional foram incluídos também as populações migrantes, dado que a Campanha de Vacinação contra a COVID-19 assenta em princípios de universalidade, equidade e gratuidade. Estamos inclusivamente a vacinar cidadãos ucranianos que pedem proteção temporária ao nosso país, porque quando cuidamos dos outros, cuidamos de nós todos.

Para este marco contribuíram vários fatores, dos quais se destacam:

- a. A cultura de vacinação e o legado do Programa Nacional de Vacinação, com mais de 50 anos de história e com uma implementação exemplar em termos de coberturas vacinais;

b. A criação de uma cadeia de valor para a vacinação contra a COVID-19, coordenada por uma Task-Force constituída pelas áreas governativas da Saúde, da Defesa Nacional, Administração Interna, onde as autarquias tiveram um papel essencial

c. A constituição de uma Comissão Técnica de Vacinação contra a COVID-19, específica e dedicada, para a emissão de recomendações, em função da evolução do conhecimento científico e da evolução da situação epidemiológica, de forma a garantir a vacinação segura e efetiva.

Em paralelo foi posta em marcha uma campanha de comunicação em larga escala para, de forma transparente, explicar à população as decisões em vacinação e promover a confiança e a adesão à vacinação.

Aliás, a comunicação foi e continua a ser um ponto fulcral desde o início. Foi a primeira pandemia online, com os desafios que tudo isso representa. Diariamente, durante meses, fizemos conferências de imprensa, de natureza técnica e de dimensão mais política, apresentámos relatórios diários, que só agora passaram a semanais, num **processo de transparência, lealdade e proximidade com o cidadão sem precedentes.**

Tivemos de dar resposta à pandemia da desinformação, das notícias falsas, e dos que tentaram juntar mais medo ao que desconhecido. A Literacia em Saúde e as ciências do comportamento mostraram, mais uma vez, foi uma peça central na resposta à pandemia, enquanto ferramenta facilitadora da articulação e desenvolvimento de trabalho intersectorial.

Caras e caros amigos e colegas,

Fizemos este caminho sem esquecer que não estávamos nesta luta sozinhos.

Portugal sempre defendeu o reforço dos mecanismos de solidariedade internacional, tanto no contexto da União Europeia, como da OMS, em particular o acesso a vacinas em África, onde os níveis de vacinação são mais baixos, através do mecanismo de partilha de vacinas, para além do mecanismo COVAX.

Estabelecemos um plano de ação de resposta à COVID-19, dirigido aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste, que incluiu treinamento, assistência técnica e fornecimento de vacinas em estruturas bilaterais e multilaterais.

Partilhámos **3 milhões de doses**, principalmente com os nossos parceiros africanos e uma linha de cofinanciamento de projetos de organizações não governamentais de desenvolvimento (ONGD), para o fornecimento de equipamento de proteção individual e outros materiais, incluindo testes e implementação de PCR.

Prestámos, em particular, o nosso apoio ao reforço dos sistemas de saúde dos países parceiros para além da COVID-19, para uma melhor aplicação do Regulamento Sanitário Internacional (RSI), essencial para lidar com esta e outras pandemias e alcançar as metas de desenvolvimento sustentável.

A velocidade avassaladora com que a COVID-19 se espalhou pelo mundo torna claro que a atualização dos sistemas de vigilância, a transformação digital da saúde e a cooperação global são cruciais para fortalecer a resiliência mundial perante ameaças transfronteiriças.

A nova arquitetura global de saúde, que resultará do nosso esforço coletivo, deve ser capaz não apenas de lidar com futuras crises globais de saúde, mas

também as prevenir. **Saúde e bem-estar são direitos humanos e devem desempenhar um papel central na resposta e na recuperação.**

Manter as populações saudáveis é um fator crítico para o desenvolvimento sustentável e para a inclusão social e por isso é que a Saúde tem mesmo de estar em todas políticas.

Das lições aprendidas, **devemos reconhecer que a aposta contínua e de longo prazo na modernização dos sistemas de informação não é despesa, é investimento.**

Para futuro, ficam ainda os avanços da telemedicina e o incremento da utilização e no acesso às tecnologias telemáticas, por isso **investir na adoção de serviços de massa, não apenas no nicho pré-pandemia da telessaúde, será um grande desafio para a próxima década.**

Já falei muito e se calhar ainda não falei do principal fator de mudança nesta equação: Os profissionais de saúde. Precisamos de uma aposta forte na formação, na integração, na retenção e na motivação das equipas. **Sem médicos, enfermeiros, assistentes técnicos e operacionais não há prestação de cuidados.**

Minhas senhoras e meu senhores,

A Covid-19 mostrou-nos a necessidade de adotar uma perspetiva de Uma só saúde (One Health). As alterações climáticas e a emergência e reemergência de doenças transmissíveis são ameaças não só para o próximo ano, como para as próximas décadas.

Temos importantes e exigentes desafios pela frente, que obrigam a um compromisso sério e à responsabilidade de todos. A Saúde não pode, nem deve ser uma arma de arremesso político. É uma causa e um desígnio nacional, aqui,

em Portugal e em todos o espaço da lusofonia, com o qual devemos estar todos comprometidos e empenhados. Da nossa parte, da parte do Governo da República Portuguesa, podem contar connosco para juntos contribuirmos para uma melhor prestação de cuidados saúde. Estamos inteiramente disponíveis para continuar a colaborar e a cooperar, a dar e a receber, porque aprendemos uns com os outros e essa é a nossa força. Sempre sem nos esquecermos do que nos ensinou António Agostinho Neto que o mais importante é resolver o problema ao povo.

Muito obrigado.